



A PAZ E O COMUM

Reflexões a partir dos Laboratórios de Inovação Cidadã [LABIC]



INSTITUTO
PROCOMUM



"NADA É MAIS VITAL PARA
A PAZ E A SEGURANÇA
DOS INDIVÍDUOS E DAS
COMUNIDADES AO REDOR
DO MUNDO DO QUE A
PRESERVAÇÃO A LONGO PRAZO
DE SEUS BENS COMUNS."

JAMES B. QUILLIGAN

A PAZ COMO UM COMUM

POR RODRIGO SAVAZONI



Estamos no alto de um morro, de onde se pode avistar a lagoa de La Cocha, vasta imensidão de águas gélidas localizada neste ponto do mundo em que a Cordilheira dos Andes e a Amazônia se tocam em seus extremos. Estamos eu, Cinthia Mendonça, também mentora do LABIC, Juan e Maurício, da equipe do Centro de Inovação Social de Nariño, sentados na grama, a escutar Don Hector, um lavrador de cerca de 50 anos que, por três décadas, trabalhou na construção civil em várias cidades colombianas. Camponês comprometido com suas origens, há oito anos, voltou para sua comunidade, a Vereda el Socorro, onde vive com um irmão, uma irmã e a mãe, Dona Rosa, a matriarca, e juntos administram o sítio, criando animais e plantando. Em pouco mais de uma hora de conversa, ele nos oferta uma aula magna sobre a relação entre o ser humano e a natureza, sobre como atuar para fortalecer laços comunitários, sobre os bens comuns.





Não está fácil a vida ali. A água do rio que abastece o vilarejo está contaminada, porque não há saneamento básico em pelo menos metade das casas. Os dejetos de pessoas e animais escorrem para as águas, tornando-as impróprias para o consumo humano e também contaminando os peixes. Açoitados pela presença não tão longínqua da guerrilha, dos narcotraficantes e dos governantes, que só se acercam em períodos eleitorais, Don Hector relata que sua gente anda muito desconfiada. As trocas entre iguais andam mais difíceis. O individualismo, semeado pelos senhores do mundo, produz grãos de medo, com os quais os camponeses produzem o pão da discórdia. Também andam desconfiados de qualquer um que venha de fora com soluções mágicas para problemas que eles conhecem tão bem, mas que ninguém lhes pergunta como resolver.

Não é fácil a vida ali, mas não há tom de lamúria em sua voz. Pelo contrário. Ele nos conta, por exemplo, o caso de litígio que capitaneou contra a empresa pública de iluminação, que, sem lhes pedir permissão, resolveu instalar antenas de transmissão em suas terras. Don Hector foi atrás de seus direitos, afinal a companhia de luz, no processo de instalação, desmatou terras que eram essenciais para manter os cursos d'água que abastecem a Vereda El Socorro. Obteve ganho na justiça, e, embora parte de seus convivas não tenha se disposto a lutar com ele, doou toda a indenização para a comunidade, que decidiu usar o recurso para reformar a capela.

Dias antes de nossa visita a Don Hector, que ocorreu em Pasto, Nariño, na Colômbia, no Laboratório de Inovação Cidadã para a Paz, eu realizei uma dinâmica intitulada A Lente do Comum. Nela, falei sobre o conceito de comum, que orienta nosso trabalho no Instituto Procomum (www.procomum.org). Fiz uma linha do tempo, repassando autores e teorias, de Elinor Ostrom a Silvia Federici,

passando por David Bollier, Christian Laval e Pierre Dardot, entre tantos outros. Aproveitei também para mencionar o conceito de Bem Viver [Sumak Kawsay] [1], conhecimento produzido pelos indígenas sul-americanos. Exibi um vídeo, produzido na Alemanha, curtinho e eficaz, que começa com um questionamento bem sensível: afinal, por que estamos brincando sozinhos, neste mundo que cada vez mais precisa de união? Na tela, deixei projetado o diagrama de Bollier [Comum = recurso + comunidade + protocolos de governança]. Depois da minha intervenção, organizei as pessoas em grupos, e as deixei conversar, orientadas pela pergunta: onde está o comum ao seu redor? A discussão foi muito boa e, na roda final, cada grupo partilhou o resultado desse diálogo. Entre os vários comentários excelentes e as diversas perguntas provocativas, uma me pôs a pensar, desde então, me acompanhando durante a aula magna de Don Hector, e nos dias seguintes em que segui trabalhando como mentor do laboratório. A pergunta é a seguinte: a paz é um bem comum?

O objetivo desta publicação é justamente refletir sobre essa indagação. A proposta é pensar sobre essa questão a partir de e com as experiências vividas no LABICxlaPAZ. Pensar com Don Hector e Dona Rosa, com os indígenas e os hackers, com os gestores responsáveis pelos projetos. Não trazemos uma única resposta, mas várias vozes que nos ajudam a pensar sobre o tema. Ao longo das próximas páginas, vamos falar de comum e de paz, e da possível associação entre essas duas palavras em uma mesma sentença.

O QUE É O BEM VIVER?

Uma das referências para o debate sobre o Bem Viver é Alberto Acosta, político e intelectual que foi presidente da Assembleia Nacional Constituinte no Equador e posteriormente rompeu com o governo de Rafael Corrêa, chegando a ser candidato à presidência por uma coalizão minoritária. Para ele, o Bem Viver é um conceito plural e o que se pretende com ele é a construção de uma nova forma de viver, na qual os direitos dos seres humanos se harmonizam com os direitos da natureza, o que não é possível plenamente no capitalismo. O Bem Viver é um conceito de matriz comunitária que é resultado do acúmulo dos conhecimentos e dos saberes dos povos indígenas, que resistiram ativamente, ao longo de sua história, à exclusão, à exploração e ao colonialismo,

e que pressupõem uma vida centrada na autossuficiência e na autogestão.

Abaixo, há um trecho de seu livro O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos:

“O Bem Viver propõe uma cosmovisão diferente da ocidental, posto que surge de raízes comunitárias não capitalistas. Rompe igualmente com as lógicas antropocêntricas do capitalismo enquanto civilização dominante e com os diversos socialismos reais que existiram até agora – que deverão ser repensados a partir de posturas socio-biocêntricas e que não serão atualizados simplesmente mudando seus sobrenomes. Não esqueçamos que socialistas e capitalistas de todos os tipos se enfrentaram e ainda se enfrentam no quadrilátero do desenvolvimento e do progresso.”



AS CARACTERÍSTICAS DE UM LABIC

“Existem várias características que contribuem para a particularidade dos LABIC e, se podemos encontrá-las em separado em outros processos de cocriação, dificilmente as encontramos todas articuladas em um só processo, como vemos nos Laboratórios de Inovação Cidadã.”

ABERTO: qualquer pessoa pode se inscrever e participar de uma forma ativa e propositiva. E qualquer comunidade local onde se realize o LABIC poderá participar do trabalho junto ao desenvolvimento dos projetos.

INTERCULTURAL: pessoas de diferentes países, cidades, línguas e etnias convivem e trabalham durante 10 a 15 dias, período em que se estabelece um diálogo entre culturas para atingir objetivos comuns.

ENCONTRO DE SABERES: tecnologias sociais, digitais e ancestrais se conectam e trabalham juntas em um plano de horizontalidade, como colaboradores ou comunidades participantes. Nesses encontros, estão juntas pessoas com saberes e cosmovisões muito diferentes: artistas, artesãos, engenheiros, líderes indígenas, agricultores, ativistas, ambientalistas, físicos, quilombolas ou palenqueros, produtores, escritores, antropólogos, representantes comunitários, programadores, gestores públicos, profissionais de diferentes formações, estudantes, pesquisadores etc.

INCLUSIVO: em todos os LABIC, ao menos 50% dos participantes são mulheres, e se busca como critério a diversidade de procedências. Também estamos avançando para alcançar maior diversidade étnica e de pessoas com deficiências.

COLABORATIVO: os participantes interagem de forma horizontal e transparente, trabalhando em igualdade de condições e em um intercâmbio multilateral, em que todos dão suas contribuições com base em suas experiências.

CIDADÃO: o espaço é feito pelos cidadãos: eles experimentam e geram as propostas diretamente. Não é um espaço onde as instituições produzem as soluções, e sim a própria cidadania.

AUTORGANIZAÇÃO: os grupos de trabalho se organizam de maneira autônoma e não dirigida. Ainda que possam receber orientações, são eles quem gerem seu cronograma, seus planos, suas prioridades, seus recursos e suas operações internas.

EXPERIMENTAÇÃO: para desenvolver projetos criativos e inovadores, é necessário que o espaço permita a experimentação, “aprender fazendo”, ensaiar, equivocarse, receber feedback, recomeçar a desenhar, aprender durante o processo de criação até alcançar o objetivo.

PRODUÇÃO ABERTA: é um espaço que produz conhecimentos e propostas que, necessariamente, devem ser compartilhados para o benefício geral da sociedade, mediante o uso de licenças abertas e livres.

INOVADOR: os projetos que se prototipam/desenvolvem em um LABIC devem ter um grau de inovação sendo úteis e interessantes para grupos sociais, comunidades e/ou instituições.

IMPACTO SOCIAL: as inovações são geradas por cidadãos para cidadãos. Os projetos de um LABIC tem um objetivo final de gerar transformações sociais e benefícios aos coletivos e às comunidades concretas.

GERADOR DE REDES: além de ser um espaço de produção, o LABIC é um dispositivo que gera redes sólidas e sustentadas de transferência de conhecimentos e experiências, bem como de colaboração entre diferentes agentes institucionais e cidadãos.



05 PROJETOS

O Laboratório de Inovação pela Paz na Colômbia – LABICxlaPAZ – aconteceu entre os dias 13 e 25 de fevereiro de 2018 na cidade de Pasto. Durante o evento, foram prototipados 10 projetos para promover a cidadania, a paz e a melhoria da vida das pessoas no período pós-conflito, ou seja, após o acordo de paz entre as FARC e governo do país. A programação também contou com uma série de oficinas e palestras de inovação cidadã e promoção da paz.

01

PRÓTESES 3D PARA VÍTIMAS DO CONFLITO



O projeto trabalhou com a impressão em 3D de próteses para vítimas de minas terrestres (foram 11.508 vítimas só na Colômbia), a um custo por prótese 600 vezes inferior ao custo das próteses utilizadas atualmente.

02

AUTONOMIA ENERGÉTICA E PROTEÇÃO AMBIENTAL



O projeto fabricou um sistema para produzir energia renovável por meio de resíduos. O projeto foi dirigido às zonas rurais onde o conflito impediu o acesso a muitas tecnologias.



03

COLETAR ÁGUA POTÁVEL DE NEVOEIROS

O projeto concebeu um sistema para reter a água de nevoeiros e produzir água potável de forma fácil e sustentável.



04

PLATAFORMA VIRTUAL PARA PROFESSORES EM ÁREAS REMOTAS

O projeto criou uma plataforma on-line para que os professores de uma das zonas mais afetadas pelo conflito possam encontrar apoio didático e melhorar a educação dos alunos.

05

PLATAFORMA ONLINE PARA ORGANIZAR OS DEFENSORES DA PAZ



O projeto criou uma plataforma on-line para organizar as exigências e as mobilizações sociais a favor da paz, instrumento reivindicado por muitos colombianos no processo da paz.

06

OS INGA, O POVO INDÍGENA QUE VENCEU O TRÁFICO DE DROGAS



O projeto produziu um guia para comunidades afetadas pelo tráfico com base na experiência vivida pela comunidade indígena Inga na década de 1990, quando retomou a sua atividade agrícola e, assim, deixou de cultivar papoilas e de enfrentar a violência resultante do tráfico de drogas.



07

**LUDOTECA PARA
MENINAS E
MENINOS VÍTIMAS
DO CONFLITO**

O projeto criou de uma ludoteca para vítimas do conflito na Colômbia com incentivo da participação das famílias no seu funcionamento cotidiano.

08

**MICROASPERSORES COM
MATERIAIS DE BAIXO CUSTO**



O projeto criou e instalou microaspersores para a irrigação agrícola por meio da utilização de materiais econômicos e recicláveis. O objetivo era que os agricultores melhorassem as suas produções em territórios com déficit hídrico.



09

**UM LIVRO PARA RECUPERAR
A HISTÓRIA DAS MULHERES
AFRODESCENDENTES
VÍTIMAS DO CONFLITO**

O projeto produziu um livro com relatos de mulheres afrodescendentes vítimas do conflito sobre suas experiências de vida.

10

**O VÍDEO COMO
FERRAMENTA DE
CONVIVÊNCIA PARA
MENINOS E MENINAS**



O projeto realizou uma oficina de audiovisual para que as meninas e os meninos registrassem sua vivência como "deslocados" (retirados de onde moravam) em decorrência do conflito.

15

dias de LABICxlaPAZ

290

propostas de projetos

10

projetos selecionados

750

inscrições de colaboradores

100

colaboradores envolvidos

15

nacionalidades sendo:
10 latino-americanos
e **05** europeus

15

conferências abertas

COM A PALAVRA,



PABLO PASCALE

Coordenador do projeto de inovação cidadã da Secretaria Geral Ibero-Americana, uruguaio de nascimento, com ascendência italiana, Pablo Pascale vive em Madri, com o olho atento a tudo que está acontecendo de inovador na América Latina. Nesta entrevista, ele compartilha o conhecimento que adquiriu com a experiência de idealizar e gerir as quatro edições do LABIC (Laboratório de Inovação Cidadã).



O QUE VOCÊ APRENDEU COM A REALIZAÇÃO DE UM LABORATÓRIO DE INOVAÇÃO CIDADÃ PARA A PAZ?

No caso dos Laboratórios de Inovação Cidadã (LABIC) essa pergunta é fundamental. O modelo do LABIC vai variando e enriquecendo-se à medida que vamos aprendendo com o que experimentamos em cada uma das edições que organizamos. Por isso, dizemos que é um modelo que tem muito de orgânico, porque se alimenta e se transforma com os diferentes contextos. Os aprendizados vão desde estratégias de negociação no momento das traduções interculturais em sociedades globalizadas, passando por uma participação cada vez maior das comunidades locais afetadas no processo de produção dos projetos, até uma gestão que se propõe mais eficiente e sustentável em relação aos recursos que utilizamos.

Porém, possivelmente, o principal aprendizado do LABICxlaPAZ que organizamos em Nariño, com foco nos aportes dos cidadãos à estratégia de pós-conflito, foi a demonstra-

ção empírica de que é possível construir paz mediante a contribuição e a participação ativa da cidadania, seja na elaboração das propostas ou na produção das soluções. A ideia de que a paz deve ser construída colaborativamente se sobressai dentre outras aprendizagens. E considero que esse não foi só um aprendizado para mim, senão para muitos com os quais estivemos envolvidos no laboratório. Pela primeira vez na história, abriu-se um espaço para a participação cidadã em uma estratégia de construção da paz tão decisiva como a que está vivendo a Colômbia depois de 60 anos de enfrentamentos. Que um LABIC tenha sido capaz de contribuir para um fenômeno tão delicado, complexo e relevante na agenda internacional como um processo de pós-conflito, gerando aportes tão valiosos a partir da cidadania, é uma demonstração da importância que podem ter os Laboratórios de Inovação Cidadã, sobretudo como modelos institucionais para o trabalho com situações sociais complexas.

MUITAS INICIATIVAS, NO LABICXLA PAZ, TÊM A VER COM A TERRA, COM O MUNDO RURAL E TAMBÉM COM AS COMUNIDADES TRADICIONAIS. QUAL É A RELAÇÃO POSSÍVEL ENTRE A INOVAÇÃO CIDADÃ E AS COMUNIDADES CAMPONESAS E TRADICIONAIS?

Nós, do Projeto de Inovação Cidadã, consideramos que as fontes das quais se nutre a inovação não são unicamente as tecnológicas ou os conhecimentos de metodologias institucionalizadas e/ou acadêmicas. Defendemos a ideia de que a inovação se nutre das aprendizagens e das experiências que podem vir de qualquer lado, cultura, cosmovisão e desenvolvimento tecnológico. Ou seja, as formas de fazer que produzem resultados para transformar positivamente o entorno e a nossa experiência de vida e comunidade podem ser ancestrais, científicas, informais, hipertecnológicas ou de qualquer outro tipo. Por isso, falamos de inovação cidadã, porque é uma inovação que vem da criatividade de cada um ou cada uma de nós e em nossa experiência de vivermos juntos, para além da religião, da orientação sexual, da cultura e do nível socioeconômico ou mesmo acadêmico.

Mais ainda, consideramos que a melhor inovação cidadã é aquela que é verdadeiramente desenvolvida a partir do encontro entre uma ideia e os contextos reais. Por isso, estimulamos que os projetos trabalhem em conjunto com as comunidades, sejam rurais ou urbanas, porque é nas comunidades que reside boa parte do conhecimento que o projeto necessitará para ser realmente útil.

"NADA É MAIS VITAL PARA A PAZ E A SEGURANÇA DOS INDIVÍDUOS E DAS COMUNIDADES AO REDOR DO MUNDO DO QUE A PRESERVAÇÃO A LONGO PRAZO DE SEUS BENS COMUNS". O QUE VOCÊ ACHA DESSA AFIRMAÇÃO?

Parece-me fundamental, porque vem aportar uma nova ótica aos processo de convivência e segurança. Inclusive, poderíamos pensar a

"A MELHOR INOVAÇÃO CIDADÃ, É AQUELA QUE É VERDADEIRAMENTE DESENVOLVIDA A PARTIR DO ENCONTRO ENTRE UMA IDEIA E OS CONTEXTOS REAIS."

paz e a segurança como bens comuns em si mesmos, que devem ser preservados e entendidos como tal.

Habitualmente, consideramos que a paz e a segurança são bens públicos, e que por isso as estratégias de sua preservação devem advir unicamente do Estado.

Mas a construção da paz é um processo altamente complexo, que compreende múltiplas dimensões sociais. Agora, pensemos a paz não unicamente como um bem público, senão como um bem comum.

Se entendemos os bens comuns em um sentido amplo, diríamos então que são os recursos compartilhados, utilizados e geridos coletivamente. E esse último aspecto é muito importante. A ideia de comum não só se refere aos bens, aos recursos e aos sistemas naturais e culturais em si, mas também inclui o rol fundamental das comunidades e da ação coletiva.

Pois bem, se entendemos a paz e a segurança não só como bens públicos – como responsabilidade única do Estado –, mas como bens comuns, cuja responsabilidade é compartilhada com as comunidades e com a ação coletiva, então se abre uma nova janela de perspectivas para sua preservação e para a desativação das causas e dos conflitos subjacentes, procurando estratégias de enfrentamento e preservação que compreendam um novo olhar sobre a complexidade do fenômeno.

Portanto, a preservação da paz e da segurança como bens comuns é uma tarefa de coprodução que envolve o Estado, as comunidades locais afetadas, e a sociedade em seu conjunto.

Essa complexidade pode ser percebida claramente quando alguém se dirige aos territórios em fase de pós-conflito e entra em contato com as comunidades locais. Não é unicamente uma intervenção do Estado o que se reclama desde os territórios, senão ações conjuntas e coletivas entre comunidades, Estado e sociedade.

Foi justamente esse o enfoque que teve o recente Laboratório de Inovação Cidadã pela paz e pelo pós-conflito que organizamos em Nariño, na Colômbia. Ali, trabalharam 10 projetos vinculados a diferentes áreas prioritárias do pós-conflito, que foram coproduzidos por cidadãos, comunidades afetadas e instituições do Estado. O resultado foi a demonstração empírica de que a paz e a segurança podem ser melhor preservadas entre todos e todas, e que são um bem comum.

AO LONGO DOS ANOS, QUAL FOI A PRINCIPAL CONTRIBUIÇÃO DOS LABICS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA CIDADANIA DO SÉCULO 21?

Penso que a principal contribuição dos LABIC (e de outros laboratórios cidadãos similares) não está dirigida à construção de uma cidadania, mas sim à contribuição a um novo paradigma de instituições que seja capaz de adaptar-se aos avanços da cidadania e que consiga se reconectar com ela. Ou seja, os laboratórios (incluindo o LABIC) surgem como novos dispositivos institucionais e metodológicos desenhados para superar a crise de legitimidade das instituições herdadas do século XX e reformular-se frente a uma cidadania do século XXI.

Estivemos imersos em uma crise de legitimidade das instituições, das quais, minimamente, se exigia mais transparência e maior participação cidadã. Isto é, uma redistribuição do poder.

Até 2010, a cidadania já tinha uma voz que não se podia calar e essa voz ia aumentando, tornando-se mais alta que o murmúrio do antigo paradigma institucional fincado no século XX. E assim começam as tentativas de várias instituições de atender ao chamado dos tempos e realizar as mudanças necessárias.

Os Laboratórios de Inovação Cidadã são instituições que, respondendo àquele chamado da cidadania, conseguiram elaborar o que possivelmente seja o modelo de participação cidadã mais avançado da atualidade. São espaços em que os cidadãos produzem seus próprios projetos, com a finalidade de propor soluções ou alternativas aos problemas que eles enfrentam em suas comunidades. Dentro dos laboratórios, não há competição. Há experimentação, produção e colaboração, o conhecimento é compartilhado (com licenças livres e repositórios abertos), ocorre o encontro de diferentes saberes horizontalmente e, por fim, existe a abertura total a qualquer cidadão, sem considerar sua formação acadêmica, sua experiência ou sua origem. Dessa forma, todos podem não só participar como fazer a instituição.

Como mencionei em outro momento, possivelmente dentro de alguns anos, quando a gente voltar o olhar para recordar a crise das instituições no início do século XXI e como começaram os saltos para um outro paradigma, vamos ver nos Laboratórios Cidadãos os primeiros protótipos de uma nova era das instituições.

COM A PALAVRA,



PAOLA CORAL

Paola Coral é a coordenadora do Centro de Inovação Social de Nariño, província colombiana que vem se destacando mundialmente por políticas inovadoras conduzidas por seu governador, Camilo Romero, e formuladas pelo professor e designer Javier Arteaga Romero. Os Laboratórios de Inovação Cidadã sempre possuem um coordenador local, alguém do território, que dita o ritmo do evento. No LABICxlaPAZ, a coordenadora foi Paola, que havia conhecido a metodologia dos LABIC em Cartagena, também na Colômbia, quando foi colaboradora de um projeto. Enviamos a ela algumas perguntas, que nos foram respondidas por e-mail.

QUAL FOI A SUA PRINCIPAL APRENDIZAGEM NO LABICxLAPAX?

Difícil hierarquizar a quantidade de aprendizagens. Eu poderia dividir minha experiência entre as aprendizagens profissionais e as humanas. Profissionalmente, destacaria tudo que tem a ver com a rede que se tece, a autoavaliação do que conheço, a reflexão sobre minhas dificuldades, minhas capacidades e meus objetivos. Pessoalmente, o LABIC põe à prova nossos valores, o respeito, a tolerância, a capacidade de compreensão, de discernimento. Se é para destacar algo, seria o valor que tem a construção em comunidade.

QUAL É A DIFERENÇA ENTRE OS LABORATÓRIOS DE INOVAÇÃO CIDADÃ E OS OUTROS PROCESSOS DE COCRIAÇÃO DE SOLUÇÕES SOCIAIS?

Nos laboratórios, é válido experimentar. De fato, é a base do processo. E o tempo: tudo se faz contra o relógio, e as soluções têm o espírito de servir a qualquer comunidade, desde a concepção da ideia que é levada ao laboratório.

NO LABICxLAPAZ, MUITAS INICIATIVAS TÊM A VER COM A TERRA, COM O MUNDO RURAL E TAMBÉM COM AS COMUNIDADES TRADICIONAIS. QUAL É A RELAÇÃO POSSÍVEL ENTRE A INOVAÇÃO CIDADÃ E AS COMUNIDADES CAMPONESAS E TRADICIONAIS?

As comunidades camponesas e os povos originários também são formados por cidadãos. Para mim, o que importa é a relação com as comunidades em geral. De alguma maneira, o valioso dos laboratórios em relação a essas comunidades é valorizar as práticas ancestrais, como a minga [o mutirão latino-americano], o respeito pela natureza, pelos processos coletivos. Creio que os laboratórios colocam na agenda essas práticas que são próprias das comunidades tradicionais.

"OS BENS COMUNS SÃO FERRAMENTAS QUE NOS PERMITEM VIVER EM HARMONIA, COM A MEMÓRIA COLETIVA, NO VALOR QUE DAMOS AO QUE É DE TODOS, QUANDO SE CIMENTA O RESPEITO E O RECONHECIMENTO DO QUE SOMOS."

"NADA É MAIS VITAL PARA A PAZ E A SEGURANÇA DOS INDIVÍDUOS E DAS COMUNIDADES AO REDOR DO MUNDO DO QUE A PRESERVAÇÃO A LONGO PRAZO DE SEUS BENS COMUNS". O QUE VOCÊ ACHA DESSA AFIRMAÇÃO?

Acredito que os bens comuns são ferramentas que nos permitem viver em harmonia, com a memória coletiva, no valor que damos ao que é de todos, quando se cimenta o respeito e o reconhecimento do que somos. De onde viemos e para onde vamos. Difícil dizer qualquer coisa além do que a frase diz.

VOCÊ CONHECE O LABIC COMO COLABORADORA DE UM PROJETO, EM CARTAGENA, E FOI A COORDENADORA DO LABORATÓRIO QUE ACONTECEU EM NARIÑO. QUAL DAS DUAS EXPERIÊNCIAS TE MARCOU MAIS?

Ambas são muito boas. Colaborar tira o melhor de você como ser humano para pôr a serviço dos demais. Organizar algo tira o melhor do outro para pôr a serviço dos demais – são cenários muito diferentes, com sentimentos muito distintos. Organizar é uma responsabilidade gigante, e tudo passa a fazer sentido quando, na sessão de encerramento, você vê a consolidação desse trabalho. Se tiver que escolher, fico com organizar.



RELATOS DE ALGUNS PROPONENTES DE PROJETOS



UM PROTÓTIPO DE IRRIGAÇÃO DE BAIXO CUSTO E AMBIENTALMENTE AMIGÁVEL QUE NASCE DO CONFLITO, DA VIDA CAMPESTRE E DA INTERAÇÃO ENTRE COMUNIDADE E COLABORADORES.

Minha história pessoal está focada em trabalhos relacionados à agricultura colombiana. Sou de uma família de camponeses e cresci trabalhando no campo. Quando era criança, fui vítima direta do conflito armado colombiano porque o vilarejo onde nasci e vivi sofria ataques constantes de grupos armados. Eu e minha família fomos deslocados de nossa terra e forçados a viver na capital do estado de Tolima.

O projeto que propus para o LABIC nasceu de uma investigação dos temas autossustentáveis e do desenvolvimento de um protótipo de irrigação artesanal portátil, que pode ser criado manualmente. O sistema é construído com material reciclável, o que torna o projeto de baixo custo e amigável ao meio ambiente.

A minha equipe de colaboradores do projeto foi formada por sete pessoas, seis colombianos e um brasileiro. A experiência foi muito especial, já que cada um pôde contribuir para melhorar o funcionamento do projeto. Creio que existe algo em particular com a cultura de cada um

de nós e destaco o amor pelo que estávamos fazendo. O mais gratificante foi instalar o protótipo pela primeira vez nas águas claras de Chachagui, momento em que todos nós ficamos bastante emocionados.

Para mim, é possível alcançar a paz com o aporte de algo especial da sociedade, como uma ideia inovadora que transforma o modo de produtividade de uma zona. Ao construir ASPERSORES DE PAZ [Irigadores da paz, na tradução livre], criamos um tecido social com toda a comunidade que participou das oficinas. Foi um trabalho conjunto com os jovens da instituição educativa local e com idosos e idosas, com os quais desenhamos juntos o modelo ideal de irrigação, sempre atentos a suas recomendações. Assim, transformamos algumas ideias produtivas que já existiam na comunidade, introduzimos outras e potencializamos boas práticas agrícolas e bons manejos dos sistemas de produção.

Jesus Díaz - ASPERSORES DE PAZ



O ATO DE BRINCAR COMO FORMA DE RESISTÊNCIA E AUTONOMIA NO CONTEXTO DE CONFLITO

A ludoteca surge como desdobramento das ações e das atividades da Plataforma de Arte, Ciência e Tecnologia Infantil, projeto que iniciei em 2013 em São Paulo.

Partindo da premissa de criar brincando e brincar criando, a plataforma propõe uma pedagogia aberta, plural e transdisciplinar que trabalha a relação do universo infantil com as tecnologias, as artes e as ciências, com foco na cognição, na percepção, no trabalho colaborativo e no incentivo à reflexão, da qual as tecnologias abertas e a inovação derivam para construções tangíveis e intangíveis em prol do bem comum.

A equipe de colaboradores do projeto fez um estudo de investigação sobre modelos de ludoteca, levando em consideração teorias de Jean Piaget, levantamento de informações do bairro onde a ludoteca foi instalada e informações qualitativas sólidas, colhidas e disponibilizadas por nossos colaboradores da cidade de Pasto. Tais informações foram fundamentais para a construção de um modelo que pudesse ser aplicado no contexto da cidade. Construímos frentes que possibilitaram desenvolver uma metodologia de trabalho para ser levada às crianças, não como didática, mas como um laboratório aberto, com

interlocutores ativos no processo de construção da ludoteca. Um processo como esse possibilita a criação de fortes laços de amizade, que se misturam ao afeto com o trabalho. É importante ressaltar que a Ludoteca Cidadã não se propôs a ser apenas um projeto interdisciplinar, mas também intercultural. Não consiste na implementação de um único espaço, mas sim de um programa replicável nos vários contextos e crises.



Em Pasto, muitas das crianças são oriundas de várias partes da Colômbia em decorrência do conflito. Pessoas desabrigadas pela violência. Trabalhar com elas significa trabalhar com os afetos, a memória, as narrativas e a identidade. Utilizamos tecnologias e técnicas artesanais como deixa para a construção de um espaço comum delas mesmas; um lugar onde pudessem expressar-se, ter autonomia e também de ser identificadas desde a sua condição de criança.

Daniel Gonzales - LUDOTECA PARA MENINAS E MENINOS VÍTIMAS DO CONFLITO



UMA PLATAFORMA DE COMUNICAÇÃO PARA CONSTRUÇÃO COLETIVA, A PARTIR DO DIVERSO.

Sou comunicadora social, jornalista e ativista toda a vida. Fui coordenadora geral da mobilização mundial contra as FARC [Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia] realizada há dez anos em 183 cidades, da qual participaram quase 14 milhões de pessoas. Foi de uma mobilização que começou no Facebook que surgiu o projeto básico que levei ao LABICxlaPAZ, como modelo de mobilização cidadã baseada em comunicação estratégica.

Criei este modelo há dez anos, quando participei de diferentes mobilizações em que, de certa forma, aplicou-se o modelo metodológico para facilitar as conexões entre as pessoas, com o objetivo de gerar mais ações de mobilização cidadã e, posteriormente, construções conjuntas do complexo tema que é a mobilização. E foi esse processo que aprimorei no LABICxlaPAZ: uma plataforma de aprendizagem e formação virtual, ainda em desenvolvimento, em que podemos transmitir todas essas experiências e os conhecimentos adquiridos.

Precisamos fazer a construção, a identificação e o reconhecimento de mais pessoas como interlocutoras válidas. O processo do conflito na Colômbia nos levou a perder a capacidade de reconhecer no outro uma pessoa que pensa e sonha diferente, que tem dinâmicas de construção diferentes, mas que são válidas justamente por serem diferentes.

Creio que a plataforma Aranae permite que nos encontremos nesses processos de comunicação como pessoas que somos, capazes de construir a partir das diferenças, capazes de aportar nesse tecido de rede para gerar coisas em coletivo.

Foi a primeira vez que participei de um LABIC como proponente de projeto, já havia participado como colaboradora e acompanhante. É muito enriquecedora a maneira como nos articulamos nesses espaços e o intercâmbio de experiências, conhecimentos e vivências. Tudo isso enriquece a construção e aquilo que se alcança em pouco tempo, que é intenso e concentrado, mas sem dúvida, muda as vidas.

Rosa Lozano - Aranae - UMA PLATAFORMA ON-LINE PARA ORGANIZAR OS DEFENSORES DA PAZ

A SUPERAÇÃO DO HORROR A PARTIR DAS MULHERES

As Telas de Araña foi um processo realizado somente por mulheres. Uma experiência que abriu muitas portas e rompeu muitas barreiras, essencialmente pelos temas que estávamos abordando.

Foi muito bom criar esse projeto a partir do encontro de pessoas desconhecidas, mulheres diversas e poderosas. E foi ainda mais lindo porque decidimos assumir quatro condições:

1: nos queríamos muito; 2: escutar e não julgar, cada uma teria a sua verdade e seria respeitada; 3: vamos colaborar e não competir; 4: permitir nos explorar, nos descobrir, qualquer coisa que fariamos seria, primeiramente, para nós mesmas.



Nosso processo envolveu a desmobilização e a mobilização da cultura. Formamos dois grupos de mulheres distintas, adolescentes e mais velhas. Pudemos juntá-las e entender diferentes perspectivas, recuperar palavras, desenvolver uma metodologia e conhecer a nós mesmas. Assim, fomos curando algumas feridas deixadas pela guerra e construindo outras formas de relacionar-se com as pessoas.

Compreendemos que a memória não é somente do passado, das coisas ou da Colômbia, mas tudo o que continua acontecendo, e o papel que a mulher tem na guerra é também perpetuar seus saberes ancestrais que ficaram suspensos no tempo. Percebemos que o empreendimento cultural e social vindo a partir das mulheres pode ajudar a desenvolver novos planos de vida e isso permite superar a guerra em termos completos e práticos.

Concluimos ser impossível impedir que as pessoas usem armas ou bombas, mas é possível injetar novas formas de mobilização que não são a violência ou o horror.

Danny Fuentes Moncada - TELAS DE ARAÑA: RECUPERANDO EL TEJIDO SOCIAL

RELATOS DE COLABO- RADORES



A metodologia dos Laboratórios de Inovação Cidadã é constituída por duas chamadas públicas. Na primeira, são selecionados os promotores dos projetos. Na segunda, são selecionados 10 colaboradores para cada projeto. Essas pessoas têm conhecimentos complementares e passam a integrar equipe multidisciplinar que vai desenvolver o protótipo. O trabalho começa a distância, uma vez que são também equipes internacionais, e segue durante os dias do evento, quando se criam novos laços e outros se intensificam. Veja o depoimentos de alguns dos colaboradores do LABICxlaPAZ:

LORENA PORTELA, BRASIL ASPERSORES DE PAZ

O que me marcou no LABICxlaPAZ foi perceber como somos parecidos. Já sentia esse chamado de estar mais próxima a outras pessoas da América Latina e acho que devemos nos fortalecer.

É impressionante como flui. Culturalmente a gente se entende. Achei incrível porque parecíamos uma grande família, desde o início me senti em casa.

Esse não foi o primeiro laboratório de que participei. Já havia participado como proponente da nuvem e dessa vez fui como colaboradora. Eu adoro a metodologia. É muito potente e motivadora. A gente trabalha a criatividade e nossos limites. É muita troca e aprendizado concentrado. E tudo muito divertido também.

Acredito que o movimento de pensar soluções para paz e o pós-conflito é lindo e importante porque vai muito além do óbvio, ao propor a criação de micropolíticas e tecnologias de convivência e coletivismo.



VIVIANE ZERLOTINI, BRASIL ASPERSORES DE PAZ



Foi marcante poder encontrar várias pessoas com o objetivo de realizar algo que a comunidade já havia idealizado e sonhado. É gratificante construir coletivamente um desejo do território e poder fazê-lo com os próprios moradores daquela região.

O formato do laboratório foi interessante porque nos deu a oportunidade de estarmos durante 15 dias totalmente conectados com a equipe, a comunidade e a organização do LABICxlaPAZ.

O laboratório me ajudou a entender melhor a história do Brasil e dos países da América Latina, entender o que temos em comum e, principalmente, aprofundar-me no conflito e nas políticas de redução de danos.

É importante ser dito que, tanto no Brasil como na Colômbia, existe muita humanidade. A nossa humanidade é muito expressiva. E isso se pode notar nas comunidades tradicionais quilombolas, camponesas, ribeirinhas e outras que têm uma relação profunda com a natureza e forte consciência ambiental a respeito da necessidade de perpetuar a vida no planeta.

O aprendizado da experiência do LABICxlaPAZ é mostrar que é possível atuar de outra maneira, reparando os danos que a gente provoca na natureza, além da consciência de que a natureza inclui o homem.

PEDRO DIAZ, BRASIL

PLATAFORMA PARA PROFESSORES

O LABIC é um projeto de grande importância que cria casos exemplares em áreas carentes. Aos poucos, vai criando projetos com as comunidades, produzindo iniciativas e articulando os laboratórios que trabalham com iniciativas comuns e públicas de inovação cidadã pela Ibero-América.

Na Colômbia, tivemos a oportunidade de conhecer uma área tão rica em bonanças quanto em conflitos. Habitantes indígenas e afro-colombianos, em uma região marcada pela Guerra do Narco-Estado colombiano, mostram suas forças resilientes para habitar, viver e criar suas formas tecnopolíticas de vida. Ter atuado com arte e música na aproximação com as comunidades foi muito importante para perceber essa sensibilidade primária no trato do comum social, antes de qualquer vertente produtiva e eficiente de empreendedorismo ou inovação.

Assim, uma metodologia e comunicação para a paz deve levar em conta as abordagens e as expressões artísticas em que os sonhos e as vidas das pessoas estão envolvidos.



ROSANA RODRÍGUEZ VELÁSQUEZ, COLÔMBIA

#ARANA: APRENDIZAJE EN RED PARA LA PAZ



Sou comunicadora, nasci em Pasto e vivo em Medellín há 14 anos. Participar do LABiCxlaPaz foi muito importante para mim, afinal, sou uma cidadã nativa da cidade que havia estado longe do seu contexto específico por alguns anos.

Embora estivesse acompanhando, por meio da minha família, as notícias do cenário geral do país no que se refere ao conflito e ao período pós-acordo, trabalhar com uma iniciativa no território foi incrível por me aproximar dele como profissional, e não apenas como alguém que nasceu lá.

Também tive a oportunidade de conhecer, ao mesmo tempo, dinâmicas governamentais que nunca havia presenciado e dinâmicas cidadãs.

Foi a primeira vez que participei de um LABIC. Foi enriquecedor conhecer a metodologia, e me impressionou como o trabalho colaborativo pode aportar em projetos específicos, como este da paz, em um conflito muito longo que ainda não terminou.

Para alcançarmos a paz, me parece essencial que as iniciativas não surjam apenas dos governos federal, estadual ou municipal, mas que também existam outros tipos de organizações, porque a realidade de territórios como o de Nariño, em um conflito tão longo e complexo, requer diferentes entidades não somente do setor público, mas também do privado, além dos cidadãos como sujeitos ativos na construção dessa nova realidade do pós-acordo.

RELATO DE



GILBERTO VIEIRA

Confira o relato de Gilberto Vieira, do data_labe, um dos palestrantes do evento.



LABORATÓRIOS PARA A TRANSFORMAÇÃO

Acabamos de voltar de Pasto, uma cidade das mais lindas do mundo, localizada no departamento de Nariño, na Colômbia. O pessoal de lá diz que está no coração do mundo. Pode ser: o território fica entre a Cordilheira dos Andes, a Amazônia Colombiana e o Oceano Pacífico – um território sagrado, composto de uma maioria indígena e camponesa que hoje luta para manter as tradições num país que viveu 52 anos de guerra civil entre o governo colombiano e as FARC. O país passa por um momento marcante depois da assinatura de um acordo de paz entre as partes. Há acordo. Mas a paz há de ser construída de forma coletiva e democrática, com os cidadãos implicados nos processos.



É essa a intenção do LABICxlaPaz – um Laboratório de Inovação Cidadã pela paz colombiana. O evento, que foi até 25 de fevereiro, reuniu mais de 100 inovadores sociais – profissionais das mais diversas áreas do conhecimento, desde técnicas agrícolas até impressão 3D – para, com a população local, prototipar projetos de impacto que possam ser implementadas em futuros próximos. Entre os espertos, estão camponeses e descendentes diretos de povos tradicionais da região, todos dispostos a erguer pontes entre métodos de colaboração, técnicas e pessoas para a construção de uma Colômbia mais democrática e livre do medo.

O evento é organizado pela SEGIB – Secretaria Geral Ibero-Americana – em parceria com uma série de instituições. Nesse evento, destaca-se o Instituto Procomum, que convidou o data_labe e que vem protagonizando o debate sobre os bens comuns no Brasil, a partir da ideia de que é preciso ativar comunidades, protocolos e recursos na conformação de projetos democráticos e transformadores para as cidades. Vale também destacar o Governo de Nariño, que desde 2016 tem colocado no centro da governança a transparência e mais: a ativação comunitária a partir dos dados. O nosso olho brilha.

Minha participação foi pontual, mas animada. Falei sobre a importância de usarmos dados para narrar nossas próprias histórias, sobre nos reconhecer cidadãos quando participamos dos processos de decisão governamental, que, afinal de contas, estão diretamente ligados à produção de dados. Minha fala aconteceu na noite seguinte à decisão de intervenção militar no Rio de Janeiro. Claro que eu estou diretamente afetado por isso e foi inevitável levantar a questão da paz, da presença ostensiva do Estado e dos grupos armados nas favelas do Brasil, assim como o resultado desastroso de decisões como essa, que só pioram o contexto em que vivemos de genocídio da população. Vieram comparações inevitáveis com uma Colômbia machucada pela guerra civil e pelo racismo institucional.

Ainda participei de papos e debates sobre a sustentabilidade de projetos e ideias como o data_labe em contextos de governos conservadores. É importante construirmos instituições fortes e transparentes que sigam modelos mais contemporâneos de gestão e ação, para junto das nossas comunidades incidir sobre a sociedade e a democracia como um todo. A cuca ferve!

A ALIANÇA POSSÍVEL ENTRE COMUNEIROS E A AJUDA HUMANITÁRIA

POR RODRIGO SAVAZONI



artigo¹ de James B. Quilligan, para o jornal Kosmos, é um ótimo documento para quem quer pensar a relação entre o movimento humanitário, que atua em defesa da paz, e o ativismo pelo comum (commons). Segundo Quilligan, embora apartados, esses dois movimentos defendem a mesma abordagem: o fortalecimento dos agentes locais (stakeholders) e o desenvolvimento de regras de atuação comunitária, de baixo para cima, como forma de solucionar problemas concretos.

Ele escreve: “os dois campos geralmente concordam que uma segurança sustentável em áreas particulares deveria ser estabelecida pelas pessoas que ali vivem, uma vez que elas são as maiores conhecedoras do potencial de solução para seus problemas. Os comuneiros sustentam que recursos de segurança não podem ser garantidos por pessoas que eles não conheçam ou confiem, e muitos defensores da segurança humanitária concordam que forças externas não são a melhor fonte de segurança para os cidadãos”.

¹ Disponível on-line no link <<http://www.kosmosjournal.org/wp-content/article-pdfs/commons-for-peace.pdf>>



Outro ponto de concordância dos dois movimentos diz respeito às intervenções externas, um recurso recorrentemente utilizado para tentar levar “ordem” a contextos de conflito armado. Para a segurança humanitária, esse tipo de intervenção é injustificável, e para os comuneiros, no mínimo, desnecessária.

Quando ouvimos as comunidades de cidadãos afetados, como tivemos a chance durante o LABICxlaPAZ, na Colômbia, constatamos que de fato a força exercida de fora para dentro muitas vezes acarreta novos problemas e uma diversificação dos conflitos entre os forasteiros e a população local.

“Os dois campos concordam com a devolução do poder para as comunidades locais e com a não interferência de forças externas. Eles convergem na criação de acordos preferencialmente locais para a proteção dos civis e dos bens comuns, encorajando comunidades a se desenvolver por meio de uma gestão local legítima. Eles também concordam que a paz é um bem social e cultural, que precisa ser gerido localmente e compartilhado.”

Quilligan propõe a criação de uma frente de ação intitulada Commons for Peace - C4P [O comum para a paz] que consiga unir características do movimento humanitário, especialmente a capacidade

que esse grupo tem de mobilizar forças internacionais e entender as dinâmicas geopolíticas dos conflitos, às abordagens dos comuneiros, ou seja, a luta incessante contra o cercamento dos bens comunitários seja pela ação de governos ou dos mercados. Nesse sentido, o C4P se desenha como um agenciamento translocal, em que redes internacionais agem para fortalecer as condições de as comunidades locais desenvolverem as soluções para seus problemas.

Em seu texto, o pesquisador e ativista defende que é preciso “salvaguardar as fontes de sobrevivência, sustento e bem-estar de uma comunidade resistindo à interferência abusiva, seja doméstica [nacional] ou estrangeira”. Segundo ele, o movimento comuneiro pela paz seria porta-voz de um conjunto poderoso de pessoas, as quais estão “furiosas por perder não só os benefícios de acesso, uso, produção e governança de seus bens comuns, mas também a segurança e proteção que só este capital natural e social pode oferecer”.

Não à toa, ele vaticina que “nada é mais vital para a paz e a segurança dos indivíduos e das comunidades ao redor do mundo do que a preservação a longo prazo de seus bens comuns”. Ou seja, se queremos construir uma sociedade baseada no bem viver, só o faremos se unirmos nossas forças em comum para criar uma paz duradoura.





Editora: Marília Guarita
Textos: Rodrigo Savazoni
Conteúdos: Victor Marinho
Revisão: Maíra Cammarano
Design: Estúdio Rebimboca

Realização:
Instituto Procomum

Direção: Georgia Nicolau, Marília Guarita e Rodrigo Savazoni
Programação e Produção: Marina Pereira
Comunicação: Victor Marinho
Dinamizadores Labxs: Fernanda Camara e Marcio Gueler

